

**Etnografias do “desmonte do SUS”:
precarização de serviços e vulnerabilização de sujeitos em contextos contemporâneos**

**Lucas Freire (FGV)
Rosana Castro (UERJ)**

A ideia de que o Sistema Único de Saúde (SUS) luta para se consolidar desde a sua criação é uma unanimidade. Ao evidenciar as faltas e filas crônicas em diferentes regiões do país – fruto da desproporção da oferta de equipamentos, de recursos investidos e da quantidade de profissionais atuando nos territórios –, diversas pesquisas apontam que a precariedade dos serviços e a desigualdade para acessá-los é uma questão perene na saúde pública brasileira. Contudo, parte da bibliografia atual afirma que vivemos agora uma grave, inegável e inédita “crise da saúde” no país. Nesse contexto, consideramos crucial observar como acontecimentos recentes representam rupturas e continuidades no que diz respeito ao direito à saúde no Brasil.

Este dossiê pretende reunir artigos que explorem etnograficamente as particularidades dos cenários contemporâneos no que concerne as conexões entre desigualdades sociais, raciais, regionais, de gênero e outras; políticas de precarização do SUS e acesso à saúde, com especial atenção aos modos de caracterização, naturalização ou negligência de uma “crise”. Um evento é enquadrado como crítico não só quando rearticula de modo radical as relações entre poderes, instituições e grupos sociais (Das, 1995), mas também quando provoca uma fratura na expectativa de normalidade em suas dimensões temporal, espacial, coletiva e subjetiva. Assim, enquanto o enquadramento (Butler, 2018) de uma crise coloca certos contextos, grupos e relações em evidência de modos particulares, situações de letalidade cotidiana (Povinelli, 2011) passam ao largo do escrutínio, da comoção e do engajamento públicos, sendo vistos e tratados como situações normais, naturais ou inexoráveis. Os desafios de grupos e sujeitos que vivem em “condições de vida adversas” (Carneiro, 2005), em especial, populações negras, indígenas, periféricas, LGBTIA+ e outras, nesses contextos, tendem a passar despercebidas ou ser consideradas inevitáveis sob a caracterização da precariedade do sistema de saúde.

Procuramos burilar discussões e contribuir para o urgente debate sobre o processo de “desmonte do SUS” a partir de pesquisas antropológicas e etnográficas que exponham e interpelem as práticas de governo que cooperam para sua fragilização, bem como os múltiplos obstáculos, possibilidades e caminhos percorridos por diferentes sujeitos, grupos

e/ou populações na busca pelo acesso aos serviços e tecnologias de saúde. Nesse sentido, encontramos, por exemplo, políticas de subfinanciamento e desvinculação de recursos; congelamento de investimentos públicos; desarticulação de pastas e instâncias institucionais voltadas a determinados grupos e doenças (como saúde da população negra e HIV/Aids); propostas conservadoras que dificultam acessos (como as novas exigências para acesso ao aborto legal); falta de transparência ou ocultamento de informações e dados; e negacionismos científicos institucionalizados, de um lado; e, de outro, estratégias de navegação e sobrevivência como as costuras entre diferentes serviços e instâncias de saúde; o recurso ao aparato judicial; a participação em experimentos farmacêuticos; e as ações comunitárias de produção e disseminação de informação, insumos e cuidados.

Em suma, buscamos provocar reflexões que abordem criticamente os modos de *precarização* do sistema de saúde, em especial as estratégias contemporâneas de seu sucateamento e privatização, bem como apontar para as formas sistemáticas de *vulnerabilização* de certos grupos e sujeitos. Ao enfatizar uma certa dimensão processual e relacional, desejamos atrair pesquisas que tratem a “precariedade” e a “vulnerabilidade” não como estados fixados ou características intrínsecas aos sujeitos, serviços e instituições, mas sim como condições politicamente induzidas que são resultado de uma histórica distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos. Apostando na potência da etnografia, espera-se que os trabalhos contribuam para o adensamento de discussões antropológicas sobre os próprios modos de produção política, discursiva e material de “crises”, “desmontes”, “precariedades” e “escassezes”.

Referências

BUTLER, Judith. 2018. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. 2005. A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. 2005. Tese [Doutorado em Educação]. São Paulo: Universidade de São Paulo.

DAS, Veena. 1995. Critical Events: An anthropological perspective on contemporary India. Delhi: Oxford University Press.

POVINELLI, Elizabeth A. 2011. Economies of Abandonment: social belonging and endurance in late liberalism. Durham e Londres: Duke University Press.